

## CUIDADOR DE CAMPO

(Osmar Proença/André Teixeira)

Quando o galo estende o laço  
Do seu canto de alvorada  
Faz tempo que estou mateando  
E proseando com a madrugada  
De tirador na cintura  
A bombacha arremangada  
As bota cano virado  
E as espora bem atada

E quando o florão da aurora  
Vem destapando o rincão  
Já ando de pé no estribo  
Cuidando da obrigação  
Mirada de cuidar campo  
As rédeas firmes na mão  
Que esse é meu jeito campeiro  
De agradar o patrão

Os cavalos que eu encilho  
São bem manso e chegador  
Do gateado ao doradilho  
Cada qual tem seu valor  
Que estampa faz o tordilho  
Voluntário e tranqueador  
Uma garça no lombilho  
Sobre a várzea campo e flor

Minhas pilchas não tem luxo  
Alguma tá remendada  
No meu apero gaúcho  
De enfeite só as ponteada  
De que me vale a vaidade  
Se o campo não cobra nada  
Além de conhecimento  
E corda forte bem sovada

Eu sou cuidador de campo  
No posto do tarumã  
Dezoito quadras e tanto  
Na costa do Camaquã  
Aqui onde o sol se cruza  
Com a estrela de aldebarã  
Pra morrer no fim do dia  
E renascer pela manhã

## CABORTEIRO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Caborteiro e cosquilhoso,  
Sempre com cismas de potro,  
Tem um penacho no toso,  
Pra ser distinto dos outros.

Caborteiro, cuida a sombra,  
Liviano mal pisa o chão,  
Do próprio vulto se assombra.  
E sona a venta, bufarrão.

O lombo deste ventena,  
Não é pra qualquer encilha,  
Pois por pouco se envenena,  
E não respeita a forquilha.

Pressente a ânsia do apuro,  
Tendo vaza se governa,  
Se entona de lombo duro,  
E o medo não alça a perna.

Quem sabe mais manso era,  
Talvez se não fosse mouro,  
Mas é do pelo da fera,  
Que ao buçal faz desaforo.

“Dilon loco” que é domeiro,  
Garante que este malino,  
Vai sempre ser caborteiro,  
Por procedência e destino.

Caborteiro, não tem nome,  
Só atende o grito de forma,  
De resto tenteia o homem,  
Costeado das próprias normas.

Caborteiro, por capricho,  
Estampa um certo fascínio,  
Quando a razão de ser bicho,  
Mostra quem tem mais domínio.

As cordas mais garantidas,  
Maneadores e cabrestos,  
Não são por gosto sentidas,  
Quando ser maula é o pretexto.

A doma tem seus encantos,  
E uma certeza comum,  
Quem faz tropilha de tantos,  
“As vez” mal costeia algum.

## VENHO DE UM FUNDO DE CAMPO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho de um fundo de campo, trazendo o corpo judiado,  
Meu tordilho embala o trote, enquanto o dia se atora,  
Tenho ganas do um galpão, silenciar minhas esporas,  
E de cruzada na sanga, deixar o barro do banhado...

De um tirão que eu não livreí, porque a volta era apertada,  
Vi que um tento do meu laço, “remalhou” perto da ilhapa,  
Menos mal que o João Canhoto, é índio de trança guapa,  
E eu confio em seu capricho, em cada braça trançada.

Mas foi costeando a lagoa, que uma flor de água-pé,  
Se embalando nos remansos, enquanto o vento soprava,  
Me fez lembrar da morena, que a mais de légua enfeitava,  
O meu ranchinho de leiva, quinchado de santa-fé,

Sou posteiro lá da estância, ando longe da minha bela,  
Saltei cedo porque a lida, vem por cima e nunca espera,  
Quando me “alejo” de ti, sinto que fico tapera,  
E o grito que estendo solto, é pra que chegue até ela.

E quando o sol, no horizonte, queimar as ultimas brasas  
Ficando um rastro cinzento, na imensidão do poente,  
Espero chegar de volta, basteriado, mas contente,  
De me encontrar em teus olhos, no aconchego das casas.

Venho de um fundo de campo, e ainda falta caminho,  
Dou uma apertada nas garras, alço a perna e sigo a diante,  
Depois do ultimo passo, já não será tão distante,  
O que aparta este mensual, de sorver os teus carinhos,

Quem me dera um mate amargo, das tuas mãos alcançado,  
Enquanto a tarde se amansa, e a noite “apotra” segredos,  
Quem me dera, descuidado, tocar-lhe a ponta dos dedos,  
E poder beber um trago, do teu riso encabulado.

## GADO DE POBRE

(Leonardo Borges/Pedro Terra)

Deu cria no corredor  
A vaquilhona bragada,  
-filha da colorada  
Da vacage do seu chico...  
Por sorte o tempo vem firme  
E o gado nem sentiu tanto  
O inverno sobre os campos  
Deste meu pago bonito!

O touro vem descarnado  
Mas tá parêlho de dente,  
Pensando logo na frente  
Não devo apurá o rebanho;  
Por isso um outro, zebu  
Eu mesmo livrei da faca  
Pra dar aguente nas vacas...  
São os costumes de antanho.

Eu canto um gado de pobre  
De algum rincão de mi flor,  
Que margeia um corredor  
Com ventos de areia fina  
Campo fraco e banhadal  
Donde sempre foi assim  
Com a fé no pouco capim  
Vai se levando esta sina

Chegando a safra da lã  
Dois dias, não mais que isso  
Se estabelece o serviço  
No galpaozinho da encilha  
Consigno alguém que ajude  
Eu mesmo toso e me agrada  
As "corriedal" bem cruzada  
Sempre deixam algum pila...

Num baio ovo de pato  
Ou no gateado tronqueira,  
Campereio a vida inteira  
Até quando Deus decida;  
Um gorro contra o solação  
Preparo e loro de piola  
Eu tenho tudo aqui fora  
Pra não me queixar da vida

## PITANDO

(Francisco Brasil/André Teixeira)

Que magia tem teu pito  
que fechado despacito  
te lembra tantas histórias?!  
Nele paras teus rodeios  
tapados de gado alheio  
de estâncias da tua memória.

Na primeira baforada  
rodou uma colorada  
no Rincão da Caneleira.  
Correndo uma gaviona,  
douradilha temporona,  
que refugou na porteira.

O olhar segue a fumaça,  
que some, feito a comparsa  
que tu puxas da lembrança...  
de um tempo em que a lã valia  
e o pago inteiro vivia  
sempre cheio de esperança.

Quantos campeiros recorda!  
- Indiada buena de corda  
e ginetança que era!  
Estâncias nome de Santa,  
que dão um nó na garganta  
porque viraram taperas.

Teu cigarro de campeiro  
tem algo de parreheiro  
a cancha diminuindo.  
Cruzaste um lote de anos  
contando causos e planos  
e o teu pito esta se indo.

Co' esta brasita entre os dedos,  
reculutas os recuerdos  
do tempo das tuas andanças.  
E entre ilusões e verdades,  
ficam cinzas de saudade  
do pito das tuas lembranças.

## NO RANCHO DO TIO HOMERO

(Igor Silveira/André Teixeira)

Quebro o cacho a canta-galo  
Como quem vai “pras carrera”  
Lenço maragato, cataluña negra  
E um entono mais gaúcho  
Do que um quadro do Berega.

Pego o rumo do Vom Bok  
E o rastro do bandoneon  
No Rancho do tio Homero  
A “bandona” não perde o tom  
Lá tem carpeta e cachaça  
Lá só se encontra o que é bom.

Dê-lhe fole na “bandona”  
Que hoje eu “tô” pela anarquia  
Quero me “tapá” de trago  
No tranco “dessas guria”  
E o que “sobrá do meus caco”  
Vai “trabalhá” no outro dia!!!

É lá que eu “mêxo as cadera”  
Num vanerão desbocado  
E “as morena” sarandeiaram  
Mostrando o corpo delgado  
E toda a indiada se acoca  
Num tranco “véio” botado.

Chego na estância ainda “chôco”  
Junto co’as “barra” do dia  
Com os “zóio” lá no fundo  
Tapado de judiaria  
Suando o “tronco da oreia”  
Co’a cincha lá “nas viría”.

## O LIVRO DA MINHA HISTÓRIA

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

O livro que conta minha história  
não está num balcão de livraria,  
não tem prefácio, nem dedicatória,  
não é romance, nem biografia.  
Do livro que conta minha história,  
eu fui autor sem saber que eu escrevia.

Olha os caminhos no pasto,  
abertos pela canhada,  
escritos de chuva e casco  
como frases desenhadas,  
caligrafia de lida  
na flor da terra gravada.

Vê a picumã que desenha  
nanquim no junco e no vento,  
seiva que ferve da lenha,  
galpão de riso e lamento,  
guarda em cada cavalete  
a antiga história do tempo.

E mira a ponta de gado  
que sobe para o rodeio,  
pintando pastos pisados  
igual caneta tinteiro,  
cada borrão delicado  
é um conto do pastoreio.

Há uma frase em cada tento  
das cordas mais tironeadas,  
em cada golpe um sustento,  
torcida, chata, ou trançada  
e um basto quatro cabeças,  
memorial das campereadas.

O livro que conta a minha história  
é escrito de rigores e de lida.  
E, gravado pelo campo da memória,  
vai se perdendo como a própria vida.

## MEU PINGO CORAÇÃO

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

É um pingo muito engraçado  
Meu coração aporreado!  
Tem dez tropilhas de manha,  
De baixo, maula e velhaco,  
Mas na cancha é muito taco  
E taura nenhum lhe ganha.

Fica as vezes aluado,  
Cosquilhoso que é um danado!  
Quando anda pela estrada  
Vai ao tranco relinchando,  
Vive sempre se “alebrando”  
Do ranchinho da invernada.

Quando assim ele tropeia,  
Faceiro e firme escarceia  
Sacudindo a cabeçada.  
Altaneiro se bombeando  
Sempre pronto vem tranqueando  
Na culatra da boiada.

Quando volta, é interessante,  
Desce ao tranco no lançante,  
Sobe ao passo na canhada.  
Vem lerdo e todo estropiado  
Como boi puxando arado  
Sem o prego da guilhada.

E quando corre um ventinho  
Lá das bandas do ranchinho,  
Troca orelha com insistência.  
É que topando a coxilha,  
No capim verde-forquilha  
Sente o faro da querência.

No freio firme se escora  
Não precisando de esporas  
Faceiro! Barbaridade!  
Chega até dar manotaços,  
Mas é que sente o puaço  
Da roseta da saudade.

E num galope corrido  
Vem desta cobra mordido  
Deixando pó no caminho.  
Dá um tirão na barbela  
E esbarra bem na cancela  
Do piquete do ranchinho.

E do oitão, no parapeito,  
Fica batendo sem jeito  
Vendo a chinoca tão bela.  
Não é mandinga ou feitiço,  
É que ele faz tudo isso  
Na ânsia do beijo dela.



## A FLOR VERMELHA DA TRANÇA

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Talvez a dor do sereno  
Antes da forma do chão;  
Benzeu o encanto da flor  
Que ainda dormia em botão.

Junto a intenção silenciosa  
Da noite vestindo a aguada;  
Pra lua “inteira” vaidosa,  
Sonhar sua flor colorada.

Preza a inocência da trança  
Que atou com fochos de estrelas;  
Que lhe entregaram as cadentes,  
Talvez saudosas em vê-la.

Sonhava ter lua inteira...  
Vaidosa, enfeitando a aguada;  
Na negra noite da trança  
Sua linda flor colorada.

Que preza a um negro cabelo  
Tantas vezes foi poesia;  
Quando “outra lua” morena,  
Enfeita a aguada do dia.

Com a intenção perfumada  
De revelar-se por bela;  
Ganha o segredo das mãos,  
Pra amanhecer primavera.

Sem desprezar o sereno  
Ainda na forma do chão;  
Que se despede da flor,  
Que despertou de um botão.

Sonho em pétalas vermelhas  
Que sempre será poesia;  
“Lua em flor”, trança da noite,  
Morena, “trança” pra o dia.

## O ORGULHO DO PEÃO CAMPEIRO

(Leonardo Borges/Paulo Ozório Lemes/André Teixeira)

Pra conservá o pêlo fino  
Meu pingo posa encerrado  
Num galpãozinho quinchado  
Erguido com lasca e zinco  
Deste jeito simplesito  
Não necessita floreio:  
-É levar de cocho cheio  
E água fresca pra o bico!

Desde de sempre é meu orgulho  
De andar bem a cavalo  
N'algun pingaço amilhado  
Floreando as rédeas na mão;  
Acomodo com o patrão  
Pra folgá o mês de Setembro  
E até hoje não me lembro  
De ele ter me dito não!

Pra quem faz por merecer  
Honrando os seus compromissos  
Caprichoso no serviço  
E atracador no laburo,  
Não hay patrão queixo duro  
Que chore uma folga miúda:  
Eu lhe ajudo e o senhor me ajuda  
E assim 'ficamo' seguro!

Os xergão lavado em sanga  
E o que é de couro, engraxado;  
Trago um preparo trançado  
Com doze tentos parelhos;  
Um pelegão de carneiro  
E um laço de doze braças  
Pra me exhibir pelas praças  
Quando saio bem campeiro

E o meu pingo, um gateadão  
Desses de largar à penha,  
Não precisa nem de senha  
Pra entender o que penso...  
A este mundo pertença  
E ele entende as manias  
Volta e meia encontra o dia  
Só maneadito com um lenço!

Quando clareia algum vinte  
O povo da minha campanha  
Se acomoda e se assanha  
Pelas ruas do povoeiro  
Cada qual, seu entrevero  
Enfileirando piquetes  
Pra mostrar a toda gente  
O orgulho do peão campeiro!

## SILHUETAS CHAMAMECERAS

(Alex Silveira/André Teixeira)

Numa volteada em Corrientes  
Trouxe comigo de “allá”  
O sonho do rio Paraná  
Navegando num chamamé  
Pois minh'alma correntina  
Bailou na noite argentina  
Num rancho de santa fé.

Dom Ernesto Montiel,  
Poncho pampa sobre os joelhos,  
Busquei em ti bons conselhos  
És musiquero imortal  
A tua luz, uma estrada,  
É voz de canto e pajada  
Um rio de imenso caudal.

Ah, chamamé!! Tuas queixas  
Curando algum desamor,  
Regalos de campo e flor  
Enfeitando o cabelo dela.  
Gaita, violão, guitarróm  
E o choro de um bandoneom  
Vai moldando esta aquarela.

Parceiros de estampas floridas  
Correntinos e mercedeños  
Sopra um ventito sureño  
Quando cruzo o rio Uruguai.  
Pampeanos e chamameceros,  
Todos nós somos luceros  
Terra,Pátria e Sapucay.

## SEREI EU

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Serei eu... Cada manhã pintando a vida  
Em tons de primavera, em cada flor;  
Que o vento há de entregar-te por perfume  
Que abriga em si, bem mais que um puro amor.

Serei eu... Num canto claro, em tua janela,  
Pra vê-la aos poucos, plena em despertar;  
Ouvindo a melodia que me empresta,  
A alma pura em luz, de um sabiá.

E sempre serei eu por um poema...  
Num verso sensitivo, na canção;  
No idioma solitário dos amantes  
Na voz, pulsando amor num coração...

Serei eu... Trazendo a noite dos teus olhos  
Que empresto a “outra noite”, que ‘inda’ nua;  
Debruça seus mistérios em silêncio,  
Na “alva” palidez da luz da lua.

Serei eu... Saudade e “sal”, junto ao teu rosto,  
No instante em que a razão mostre o motivo;  
E um novo renascer entre teus lábios...  
A cada dia, ao me entregar mais um sorriso.

## CLAUDIOMIRO BALSEMÃO

(Evair Suarez Gomez/Juliano Gomes/André Teixeira)

Claudiomiro Balsemão  
Crioulo lá do Mineiro  
Nego guapo pra os arreios  
Peão de Campo, domador  
Compadre do Alaor  
Outro nego debochado  
Que anda de chapéu tapeado  
E arremangado, sim senhor!

Arrocham a cincha no peito  
Dão um tapa nos pelegos  
Qual dois gato, de ligeiro  
Se enforquilham num segundo  
Se toca recorrer o mundo  
Levam só o que é preciso  
Poncho, faca, fumo, palha  
E alguma prata pra o vinho.

Claudiomiro Balsemão  
Por gosto arrasta chilenas  
Não conhece o que são penas  
Serviçal e bonachão  
Claudiomiro Balsemão  
Compadre do Alaor  
Peão de campo, domador  
E acordeonista na venda.

Espicha e encolhe a cordeona  
Só pelo gosto da farra  
E se encontra uma guitarra  
Que lhe faça um costado  
Abre um sorriso largo  
Faz uma sanha pra o compadre  
Que o repertório já sabe  
Trás pra frente e ao contrário.

Atiram o poncho pra espalda  
Fumaceiam um pito bueno  
Num galopito sereno  
Despacito, vão embora  
E se somem campo a fora  
Na boca da escuridão  
Do Claudiomiro Balsemão  
Se escuta o choro da espora!

## O ESPINHO

(Otávio Severo/André Teixeira/Matheus Leal)

Espinhos são tantos, pra os olhos da alma...  
Em todos sentidos por buenos ou não  
São gestos que habitam o nosso inconsciente  
E se manifestam pelo coração

Mal comparando é o malo na flor da tropilha  
Não sabe formar e se faz de sinuelo,  
É o espinho da farpa do arame e divisa  
Guardando ressábios em forma de pêlo

Também é querência na lança em vigília  
-É arma bendita debaixo da asa-  
Escorando o campo em gritos de pampa  
Revô e puaço em defesa “das casa”

São pontas que choram na voz de rosetas  
-É o aço calado virando o carnal-  
Será o pé da cruz encravado na terra  
Mostrando onde a vida encontra o final

O tempo nos cobra e revela segredos  
Nas marcas que ficam o motivo comum,  
Se até lindas flores têm garras de espinhos  
Quem disse que o homem não pode ter um?

## PELEGUITO

(Rafael Ferreira/André Teixeira)

Veio do risco e do punho  
Lambendo a flor do carnal,  
Do bruto da hume e sal  
Oreando pela mangueira,  
Lãzinha curta, matreira,  
Quase que vai com a buchada,  
Mas sem furo na tirada  
Pregou-se na estaqueadeira.

Herança de algum cordeiro  
Que destacou-se no assado,  
Teu jeito mal arrumado  
Não renegou-lhe o serviço,  
Pois de que importa o viço  
Se o trabalho é bem correto,  
Pode ser analfabeto  
Mas honra teu compromisso.

Meu peleguito de baixo,  
Que vai nas costa do basto,  
Já carrega um lombo gasto  
Com falhas lá pelo meio,  
É um detalhe “dos arreio”  
Esta estampa envergonhada,  
Mas que a cada galopeada  
Me ajuda parar rodeio.

Meu peleguito de baixo,  
Com a lã tão amassada,  
Talvez tua cara enfezada  
Se difere do de cima,  
Que é quase uma obra prima,  
Lanudo e bem aparado  
E ciumento enamorado  
Junto a cincha que se arrima.

Mas sempre existe a verdade  
No valor de cada um,  
Este teu jeito comum  
Até visto por capacho,  
Franzino, mas sempre macho  
Feito um peão trabalhador,  
Que para algum ser doutor  
Alguém sustenta por baixo.

## PASTAGEM DE TROPA

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Longe em longe há uma pastagem  
Pra dormir a tropa em marcha,  
Quando vem estranzilhada  
Não encordoa e se remacha.

Um vaqueano sai na frente  
Fazer fogo e campear pouso  
Porque vem a boca da noite  
E o friozito está cargoso.

Nas voltas do corredor  
Onde a noite agarra a tropa  
Sempre tem potreiro e rancho,  
Lenha seca e água de mota.

O tropeiro esfrega as mãos  
No tição, enrodilhado,  
Enquanto a lua ronda a tropa  
Na pastagem, do outro lado.

Se alembrando do outro dia  
Madrugada, três ontonte  
Que o seu baio frouxa a cincha  
Com os bois mansos no reponte.

Água escassa e pouco pasto  
No potreiro da pastagem  
Logo a tropa se adelgaça  
Com três dias de viagem.

Couro seco na porteira  
Prevenindo algum tropeço,  
Tropa mansa deita logo  
Já nem lembra o seu começo.

Já chegou o quarto-de-hora,  
Vai cumprindo ordem de escala  
Troca a ronda companheiro  
Que está calmo e a noite é clara!



## POR MÃOS DE GUITARREIRO

(Otávio Severo/Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Espichou a sombra da copada alta de um jacarandá  
Silenciando os galhos, antigos cenários pra ouvir um sabiá...  
Tombou inocente, na voz do machado que o fio condenou...  
Quem já foi semente, devolve pra terra o que o vento plantou...

Curada a madeira em sementes de rio, se faz falquejada...  
Dormitando sonhos, se veste em formas de Deusa inspirada...  
Se encontra no pinho, moldando a silhueta, no bojo se agarra...  
Quem antes deu sombra, perdendo a imponência, renasce guitarra...

A alma é a mesma, trazendo na essência o aroma da terra...  
Batismo de luas, clareiras de sóis, que seu corpo encerra...  
Será testemunha das juras de amores de algum romancero  
Quem foi condenado voltou imortal por mãos de guitarreiro

Mistério e magias, templadas nas cordas no toque dos dedos...  
Por ter sido o palco pra bicos sonoros, carrega segredos...  
Que embalava tardes ensaiando o timbre de um sabiá cantor  
Agora silente, compõe cantilenas pra algum payador...

Vivendo em guitarra repousa seu sono no canto do oitão  
Tem alma e madeira prendida nas cordas de um só coração  
Que espera em anseios, qual mãe num afago o retorno em carinho...  
Do mesmo sabiá que pousa em seu braço, antes galho pra um ninho...

E as mãos guitarreiras se unem num gesto em forma de prece  
Pedindo por Deus, as bênçãos da vida pra quem as merece...  
De onde germinam as luzes do canto que um dia nasceu  
Florescendo sonhos em cada guitarra que a terra nos deu.